

AS QUESTÕES DE GÊNERO NO FUTSAL FEMININO

STEV AUX, Ricardo Peixoto – UFSCar
risanca@hotmail.com

RODRIGUES, Cae - UFSCar
cae_jah@hotmail.com

Área temática: Educação: Diversidade e Inclusão
Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Resumo

O objetivo desse estudo foi compreender como as questões de gênero são vivenciadas e trabalhadas na realidade de uma equipe de futsal feminina, espaço que classificamos como uma prática social. Esse objetivo justifica-se pela inserção cada vez maior da mulher no universo da prática do futebol, esporte socialmente estigmatizado como prática masculina. Para cumprir os objetivos dessa pesquisa, acompanhamos a equipe de futsal feminino da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), formada por meninas estudantes da própria Universidade, e por algumas meninas de outras faculdades da cidade de São Carlos. Possui comissão técnica composta por um treinador, um preparador físico e um fisioterapeuta, todos formados ou formando nas áreas específicas de atuação. Para essa pesquisa de caráter qualitativo, realizamos revisão de literatura sugerida na disciplina “Práticas Sociais e Processos Educativos”, que frequentamos como alunos especiais no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar, no segundo semestre de 2007, além de outras leituras que julgamos relevantes. A coleta de dados constituiu-se na observação participativa dos treinamentos e na confecção de diários narrativos dos fenômenos que se revelaram coerentes com os objetivos da pesquisa. A observação participativa teve como principal objetivo vivenciar a realidade em que se desenvolve a prática dessas atletas, possibilitando identificar quando e como as questões de gênero são vivenciadas pelas participantes, para posterior discussão com base na literatura pesquisada. Em nossas observações, podemos destacar o estigma que as atletas praticantes da modalidade futsal feminino carregam por praticar uma modalidade esportiva tradicionalmente masculina no Brasil, além dos processos educativos que se desenvolvem nessa prática social.

Palavras-chave: Processos Educativos; Práticas Sociais; Gênero; Futsal Feminino; Esporte Universitário

Introdução

O objetivo desse estudo foi compreender como as questões de gênero são vivenciadas e trabalhadas na realidade de uma equipe de futsal feminina, espaço que classificamos como uma prática social. Esse objetivo justifica-se pela inserção cada vez maior da mulher no universo da prática do futebol, esporte socialmente estigmatizado como prática masculina. O

interesse pela temática surgiu após frequentarmos a disciplina “Práticas sociais e processos educativos” como alunos especiais no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), no segundo semestre de 2007. Nesta disciplina discutiu-se o conceito de práticas sociais situados em ambientes não escolares e escolares, visando estudar as práticas a partir da perspectiva dos marginalizados e desqualificados pela sociedade, com um olhar atento aos processos educativos ali consolidados.

Quando começamos a frequentar os treinos do futsal feminino da federal, já havíamos cursado boa parte da disciplina, estudando a literatura sugerida pelos professores. Um dos textos que mais nos influenciaram para essa pesquisa foi “Educação Permanente e as cidades educativas”, do autor Paulo Freire (1997). Ao conhecer a equipe de futsal feminina, percebemos ali muito mais que um simples treino daquela modalidade esportiva, mas toda uma contextualização, como se fosse um pequeno mundo à parte. As situações que ali apareceram se tomaram momentos de aprendizado para a vida, não ficando restritas somente àquela situação de treino. Paulo Freire (1997, p.16) fala sobre isso, chamando atenção para as “(...) relações entre educação, enquanto processo permanente e a vida das cidades, enquanto contextos que não apenas acolhem a prática educativa, como prática social, mas também se constituem, através de múltiplas atividades, em contextos educativos em si mesmas”.

O sentido de práticas sociais adotado nesse trabalho é definido como um conjunto de ações coletivas que têm como objetivo manter ou transformar uma realidade. Essas ações estão relacionadas à cultura (mitos, festas, costumes, tradição) e são organizadas com regras e normas, por grupos de pessoas que, frequentemente, reúnem-se para refletirem sobre situações e fenômenos vivenciados no cotidiano (SANTOS, 2008). Silva et. al. (2008, p. 9) complementam essa definição, considerando prática social como:

[...] relações que se estabelecem entre pessoas, pessoas e comunidades nas quais se inserem, pessoas e grupos, grupos entre si, grupos e sociedade mais ampla, num contexto histórico de nação e, notadamente em nossos dias, de relações entre nações, com objetivos como: repassar conhecimentos, valores, tradições, posições e posturas diante da vida; suprir necessidades de sobrevivência, de manutenção material e simbólica de pessoas, grupo ou comunidade; buscar o reconhecimento dessas necessidades pela sociedade; controlar, expandir a participação política de pessoas, de grupos, de comunidades em decisões da sociedade mais amplas; propor e/ou executar transformações na estrutura social, nas formas de racionalidade, de pensar e de agir ou articular-se para mantê-las; garantir direitos sociais, culturais, econômicos, políticos, civis; corrigir distorções e injustiças sociais; buscar reconhecimento, respeito, valorização das culturas e da participação cidadã de grupos sociais, étnico-raciais marginalizados pela sociedade; pensar, refletir, discutir e executar ações.

Nesse sentido, consideramos os treinos de futsal feminino dessa universidade uma prática social, pois se trata de um grupo de pessoas, de diferentes contextos culturais e sociais, que se encontram com regularidade e, na maioria dos casos, essa relação com o treinamento já dura alguns anos, constituindo um espaço no qual há grande troca de experiência e, conseqüentemente, aprendizado.

Para essa pesquisa de caráter qualitativo, realizamos revisão de literatura sugerida na disciplina “Práticas Sociais e Processos Educativos”, além de outras que julgamos relevantes. A coleta de dados constituiu-se na observação participativa dos treinamentos e na confecção de diários narrativos dos fenômenos que se revelaram coerentes com os objetivos da pesquisa. Buscando conhecer os processos educacionais evidenciados nessa prática social, tentamos realizar nossa inserção no grupo de forma natural e honesta, sem esconder dos participantes o principal sentido de nossa presença naquele espaço. A participação ativa daquela prática também ajudou a garantir a neutralidade desejada para a apreensão das mais diversas situações.

A observação participativa teve como principal objetivo vivenciar a realidade em que se desenvolve a prática dessas atletas, possibilitando identificar quando e como as questões de gênero são vivenciadas pelas participantes, para posterior discussão com base na literatura pesquisada.

Segundo Becker (1999, p. 47),

O observador participante coleta dados através de sua participação na vida cotidiana do grupo ou organização que estuda. Ele observa as pessoas (que compõem esse grupo ou organização) para ver as situações com que se deparam normalmente e como se comportam diante delas. Entabula conversação com alguns ou com todos os participantes dessa situação e descobre as interpretações que eles têm sobre os acontecimentos que observou.

Observamos as relações existentes entre as atletas e entre elas e seus orientadores, tentando não fazer julgamento dessas relações, logicamente, dentro do humanamente possível. Buscamos compreender as relações que existem naquela realidade, sem a pretensão de mudar, mas, pelo contrário, intervir o mínimo possível, pois segundo Freire (1997, p. 69):

O direito é o dever de viver a prática educativa em coerência com a nossa opção política. Daí que, se a nossa é uma opção progressista, substantivamente democrática, devemos, respeitando o direito que tem os educandos de também optar e de aprender a optar, para o que precisam de liberdade, testemunhar-lhes, a liberdade com que optamos (ou os obstáculos que tivemos para fazê-los) e jamais tentar sub-repticiamente ou não impor-lhes nossa escolha.

A opção por intervir o mínimo possível justifica-se pela certeza que, qualquer que fosse nossa intervenção, por menor que fosse (talvez um conselho, ou uma opinião dada), seríamos incapazes de nos manifestarmos sem um juízo, este repleto de valores e pré-conceitos os quais, seguramente, interfeririam nos resultados da nossa amostra na coleta de dados. Não devemos ser ingênuos ao ponto de acreditar que as impressões vividas por nós junto àquele grupo seriam traduzidas em verdades. Porém, nosso objetivo nunca foi desvendar as verdades daquele grupo, mas tentar compreender as relações que ocorriam naquela prática social.

Depois da coleta de dados, analisamos as anotações, o que significou repensar tudo que passou. Esse exercício foi muito interessante, apesar de pedir certo cuidado. Como afirma José Moura Filho (apud GONÇALVES FILHO, 1988, p. 96):

A memória revê o curso da existência como heterogêneo e fértil de possibilidades imprevistas, repleto de pequenos acidentes nunca negligenciáveis, suspendendo qualquer relação de mando e obediência entre o sujeito e a história, insuflando-a de mistério e surpresa, risco e expectativa, iniciativa e observação.

Desenvolvimento

A UFSCar é um centro de estudos que concentra diversas áreas da ciência. Hoje com três campos (São Carlos, Araras e Sorocaba), têm muitos alunos, da graduação e pós-graduação, além de professores, e funcionários. Possui um campus acadêmico tão extenso como diverso. Uma diversidade que se traduz pelas pessoas que estudam na universidade, por serem de várias regiões do Brasil e, inclusive, de outros países. Por isso, a interação entre os estudantes promove um entrelaçar cultural que torna a vida universitária ainda mais interessante.

O convívio social que ocorre fora dos horários de aula se torna peça fundamental na interação dos estudantes. São interações que acontecem durante eventos esporádicos, como festas, encontros científicos, palestras, eventos esportivos, e em situações cotidianas, como no

restaurante universitário e nos treinamentos das modalidades esportivas. Justificando-se na importância dessa convivência fora da sala de aula para a ocorrência de processos educativos informais, desvelaremos, nesse trabalho, nosso olhar para um convívio muito particular dentro dessa universidade: o treino do time de futebol de salão (futsal) feminino.

Trata-se de uma prática que possui uma estrutura, em termos organizacionais, com espaços e material para treinamento, departamento técnico, uniforme próprio, transporte disponibilizado pela Universidade para partidas em outras localidades. Essa estrutura possibilita a realização de um trabalho adequado de treinamento para a competição em torneios universitários, objetivo principal da equipe. Essa estruturação é uma conquista muito recente para uma equipe universitária. Há muito pouco tempo, nem mesmo os grandes clubes de futebol possuíam uma estrutura adequada destinada para um time feminino desta modalidade. Clubes como o Guarani, o São Paulo e o América do Rio de Janeiro, buscaram essa estruturação no início da década de 80. O autor Franzini (2005, p. 317) relata essa realidade histórica:

Frete a tais posturas e práticas, não surpreende que as mulheres não sejam vistas como mais um sujeito da história do futebol brasileiro, e que o futebol feminino, em particular, seja um tema praticamente inexistente quando se fala sobre a trajetória do chamado “esporte bretão” em nosso país (...). Cercado de preconceitos, o esporte não chegou a se firmar entre as mulheres, mas a partir de 1981 formaram-se várias equipes femininas em clubes como São Paulo, Guarani, América e outros.

Com todas as controvérsias dessa história conturbada, a equipe de futsal feminino da UFSCar foi formada com meninas estudantes da própria Universidade, e por algumas meninas de outras faculdades da cidade de São Carlos. Possui comissão técnica composta por um treinador, um preparador físico e um fisioterapeuta, todos formados ou formandos nas áreas específicas de atuação.

Destacamos que os treinos ficam cheios de espectadores que acompanham e vibram a cada jogada das meninas, o que, por um lado, pode ser a expressão da identificação dos espectadores com a modalidade futsal, independente do gênero que a pratica, ou, por outro lado, simplesmente o reflexo de um espanto aparente ao ver meninas que dominam as habilidades necessárias para a prática desse esporte.

Começamos a acompanhar o time de futsal oficialmente para pesquisa deste trabalho em novembro de 2004, mas o contato com a equipe existe desde 2001, quando fazíamos parte

da Atlético, associação responsável pela realização de eventos culturais (esportes, jogos, brincadeiras, festas, confraternizações) para universitários, professores e funcionários da UFSCar. De 2001 para cá, muitas coisas mudaram na equipe: jogadoras, comissão técnica, campeonatos disputados, e, talvez a mudança mais significativa, a seriedade no trabalho da equipe que, com certeza, melhorou muito.

A equipe disputa anualmente, entre outros torneios, a tradicional Taça Universitária de São Carlos (TUSCA), torneio considerado como mais importante pela equipe e pelos torcedores, de forma geral, a comunidade estudantil. Entre os compromissos mais importantes durante esses últimos anos, além da TUSCA, podemos citar a disputa do JUP (Jogos Universitários Paulista), organizado pela Federação Universitária Paulista (FUP), da qual foi campeã da série bronze e da série prata, e algumas ligas universitárias, como a Liga Universitária do Grande ABC, a Liga Universitária do Interior e a Liga Paulista Universitária. Todas essas competições reúnem equipes universitárias de diversas modalidades, e o acesso depende de certo investimento para taxa de inscrição, transporte para as partidas, uniforme, fatores que exigem certo grau de organização das entidades participantes.

A verba para esse investimento é parcialmente adquirido junto ao Departamento de Esportes da Universidade, e também pela arrecadação em festas organizadas pela Atlético da UFSCar, tendo como principal público os estudantes da cidade de São Carlos. Portanto, os participantes destas festas são, de certa forma, patrocinadores das equipes. Essa relação entre as equipes esportivas e a comunidade estudantil se estende para as arquibancadas durante os eventos esportivos, e o orgulho dos torcedores pelas equipes fica evidente, não só pelo número de torcedores, mas pelos gritos incessantes de incentivo.

A modalidade “Futsal Feminino” e a equipe da UFSCar

O futsal é um esporte que depende muito da habilidade com os pés de seus praticantes, além de ser um jogo de extrema estratégia. Assim como no futebol de campo e em outras modalidades coletivas, o futebol de salão (futsal) é uma modalidade esportiva que se caracteriza pela necessidade do bom entrosamento de seus praticantes para que o time tenha uma boa postura em quadra. Uma jogadora que não esteja de acordo no esquema tático adotado pela equipe pode atrapalhar toda a estratégia daquele time. É necessário um conhecimento sobre seus próprios limites e os limites de cada um de seus companheiros,

conhecimento que se adquire com a convivência, na experiência, pela qual as atletas aprendem as particularidades e os limites de cada companheira. Segundo Larossa Bondia (2002, p. 21), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passa muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.”

Os treinos valorizam o coletivo do time, ao mesmo tempo em que frisam os valores individuais das atletas (habilidades individuais), justamente pela importância do conjunto para essa modalidade. A parte técnica do treino corresponde, normalmente, a treinamento de toques (toque firme, toque picado, toque longo, toque curto.), chutes (lançamentos longos, chutes em gol, chutes de precisão), domínio de bola, condução de bola, mudança de direção com a bola. Aqui a habilidade individual é trabalhada. A parte tática corresponde à formação do time em quadra, como deve ser o posicionamento da equipe para a marcação em determinados sistemas de jogo. No caso do time das meninas da UFSCar, a parte tática é bastante enfatizada. Elas jogam, preferencialmente, nos sistemas 2 x 2, no qual a equipe forma um quadrado de jogadoras, jogando com duas meninas em linha à frente e duas meninas em linha a trás. Também jogam no sistema 3 x 1, no qual jogam três meninas mais recuadas e uma fazendo a função de pivô, jogando mais a frente.

Em termos sociais, a equipe de futsal feminino em questão, é uma modalidade, de certa forma, órfã, no que diz respeito, por exemplo, a comparações com craques famosos. As meninas não se comparam (de forma lúdica) a jogadores profissionais do futsal, mas aos famosos do futebol de campo (Ronaldos, Zidane, Luiz Fabiano, Fábio Costa, etc.); não se comparam às jogadoras da seleção brasileira de futsal, nem tão pouco às do futebol de campo, mas aos jogadores homens consagrados no futebol de campo.

Muitos desses aspectos sociais construídos são influenciados pela mídia, que valoriza o futebol masculino muito além do feminino, mesmo em tempos de recentes conquistas das “meninas do Brasil”, como foram apelidadas as jogadoras da seleção brasileira de futebol de campo. E essa distinção não ocorre somente em relação a um esporte em detrimento do outro, a um atleta em detrimento do outro, mas também a um gênero sobre o outro, resultando numa certa ditadura de padrões estéticos, reforçados por muito tempo pela própria educação física escolar, impondo padrões de comportamento para os homens e outros padrões para as mulheres. Nesse sentido, o futsal com certeza se enquadra no padrão de comportamento do universo masculino.

Aos homens era permitido jogar futebol, basquete e judô, esportes que exigiam maior esforço, confronto corpo a corpo e movimentos violentos; às mulheres, a suavidade de movimentos e a distância de outros corpos, garantidas pela ginástica rítmica e pelo voleibol. O homem que praticasse esses esportes correria o risco de ser visto pela sociedade como efeminado. O futebol, esporte violento, tornaria o homem viril e, se fosse praticado pela mulher, poderia masculinizá-la, além da possibilidade de lhe provocar lesões, especialmente nos órgãos reprodutores. (SOUZA E ALTMANN, 1999, p. 04).

Assim, o sujeito tem sua formação corporal ou de corporeidade constituída de acordo com suas experiências cotidianas. Em outras palavras, Freire (1997, p. 79) afirma que “é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos”.

Essas influências provocam outras conseqüências que determinam fatores inclusive técnicos nessa modalidade esportiva. São Carlos é uma cidade que possui um time de futebol de campo feminino. Mas para treinar um time de futebol de campo é necessário que haja um número mínimo de meninas que participem do treinamento, para que possa realizar-se, por exemplo, treinamento coletivo (jogo treino). Nessa modalidade jogam 11 (onze) meninas em uma equipe, e no caso do coletivo seriam necessárias ao menos 22 meninas. Para a realidade da UFSCar, mesmo sendo uma universidade com grande número de estudantes meninas, seria muito mais difícil a realização de treinamento dessa modalidade, por insuficiência de atletas. No entanto, para a prática do futsal, a quantidade de meninas dispostas a treinar é suficiente, já que jogam 5 atletas em cada equipe e, portanto, são necessárias 10 meninas para montar um coletivo. Essa realidade nos sugere uma questão: seria essa modalidade esportiva que essas meninas estão realmente interessadas em praticar, ou a praticam numa tentativa de saciar a sede de marcar os gols que gostariam de fazer no futebol de campo?

Essa questão é relevante se pensarmos que a modalidade de campo tem suas diferenças em relação ao futsal, em termos de dimensões espaciais (tamanho da quadra e do campo), tipo de piso (quadra, campo gramado), além de diferenças técnicas e variáveis físicas como capacidade anaeróbia, velocidade, força, entre outras. Todos esses fatores determinam tipos de treino e de habilidades a serem desenvolvidas para cada uma das modalidades. Em nossa participação não identificamos nenhum tipo de frustração no sentido de desaprovação da modalidade por parte das meninas, apesar de entender que isso pode ser um conflito inconsciente.

O time da UFSCar é um time formado por meninas de diversos cursos da UFSCar, com idades bastante variadas, entre 18 e 24 anos. Os treinos ocorrem de segunda a sexta-feira,

sempre das 12h00 (meio-dia) às 14h00 (quatorze horas) ou das 17h00 (dezessete horas) às 19h00 (dezenove horas), e são divididos em parte técnica, parte tática, parte física e coletivo (jogo treino).

A comissão técnica é composta por alunos da própria universidade. São pessoas que fazem do time seu estágio e são sempre supervisionados pelos professores de seus respectivos departamentos. Essa é uma importante política educacional desenvolvida nessa atividade. Essa relação é enriquecedora, já que esses membros da comissão técnica também fazem parte da comunidade acadêmica da UFSCar, e estão expostos ao convívio com as garotas do time em outras situações, até mesmo, em sala de aula. Portanto, as discussões sobre a equipe transcendem os treinos, aprofundando-se e transformando-se em importantes momentos de reflexão sobre a prática. O clima durante os treinos entre atletas e comissão técnica é bastante amigável e descontraído, fator que pode, em nosso entendimento, favorecer um trabalho mais adequado na parte psicológica, facilitando detectar problemas pessoais de cada atleta em relação ao treinamento.

Além do treinador (chamado carinhosamente pelas atletas de “Professor”), os outros membros da comissão técnica também são muito importantes para a equipe. Durante as visitas a essa prática social, percebemos que todas as pessoas envolvidas naquele processo eram aceitas no grupo, pois desenvolviam uma relação de afetividade amistosa com as atletas. Assim, era comum entender que certas brincadeiras eram bem aceitas e outras não. Por exemplo, brincadeiras de caráter machistas eram abominadas pelo grupo, e os membros da comissão técnica não faziam esse tipo de brincadeira, mostrando um respeito e um aprendizado que com certeza foi desenvolvido pela convivência com as meninas.

Especificamente em relação ao treinador da equipe, percebia-se um enorme respeito por parte das meninas com ele, sendo que algumas até o tratavam como o “Paí” (“leva pro Paí”, ou ainda “toque a bola para o Paí”). São expressões que entendemos como parte de uma relação que se construiu graças a um processo desencadeado a partir de sua inserção na universidade, no curso de Educação Física. Desde então, ele começou a se interessar pela equipe, pois era amigo das atletas e já mantinha uma relação próxima com o time, ainda como torcedor. Mais tarde, fez parte da Atlético e se tornou presidente dessa instituição. A aproximação com o cargo de técnico veio depois de sua participação na disciplina de graduação “Modalidade Esportiva V”, cursada na graduação em educação física nesta

Universidade. A equipe de futsal masculino da federal serviu de laboratório para os alunos da disciplina, e, para ele, surgiu a oportunidade de treinar o futsal feminino.

Apesar da relação amistosa entre o treinador e as meninas da equipe, em alguns momentos ele se mostrava bastante exigente com o time, chegando até, ao nosso olhar, a ser rude, mas as meninas parecem respeitar essa falta de paciência momentânea dele, já que sempre aceitam as decisões. Porém, esse processo de aceitação não é simplesmente um “acato”, pois outra característica que se pode perceber nessa relação é que as soluções dos problemas não são tratadas pelo treinador como de responsabilidade apenas dele, são problemas de uma equipe, e ele trabalha-os de forma muito coerente, discutindo-os com toda a equipe, chegando às conclusões de forma coletiva. Conclusões construídas, que são mais significativas que as impostas, e a participação nesse processo é um exercício de fundamental importância para que se haja aprendizagem com autonomia e consciência.

Os problemas que envolvem a equipe não eram apontados apenas pelo treinador ou outro membro da comissão técnica, as atletas também possuem voz ativa e, quando necessário, expõem suas questões ao grupo, que as recebem e as debatem com a devida atenção. Assim percebemos que não basta, nesta relação, que haja vozes diversas para expor os problemas e possíveis soluções, mas, sobretudo, é fundamental que haja ouvidos atentos para essas vozes, o que nessa equipe, nos pareceu haver com muito respeito. Talvez esse seja o mais importante aspecto educacional envolvido nesse processo, identificado nessa pesquisa.

Em relação a nossa inserção no grupo, podemos dizer que fomos recebidos de forma muito tranquila e discreta, até porque já conhecíamos todas as atletas e integrantes da comissão técnica, o que inclusive contribuiu para uma naturalidade maior no ambiente, pois nossa presença não inibiu as relações, conversas e brincadeiras existentes naquele convívio.

No dia a dia, participávamos de forma ativa dos treinos. Auxiliávamos em exercícios, completávamos as equipes quando o número de atletas não era suficiente para os treinos coletivos, treinávamos a goleira (treino específico) enquanto o treinador e preparador físico treinavam o restante da equipe separadamente. Sempre havia uma função a ser desempenhada, e nunca ficávamos apenas como meros observadores. Acreditamos que essa postura seja mais adequada para esse tipo de pesquisa, pois dessa forma as meninas não ficavam com a impressão de que estavam sendo observadas, mas, pelo contrário, agiam com naturalidade.

Essa proximidade com as atletas facilitou muito o processo de coleta de depoimentos e observação do cotidiano daquela realidade, pois sempre conversávamos com uma ou mais atletas sobre diversos assuntos, incluindo opiniões sobre a relação com a comissão técnica, com as companheiras de equipe, e até sobre as brincadeiras particulares do grupo, como o clube do “Double X”, uma brincadeira com o estigma carregado pelas atletas do futebol em relação ao homossexualismo. Interessante como, dentro do grupo, no qual há atletas homossexuais e heterossexuais, o tema é tratado com muita naturalidade, e até com bastante humor, como ilustra o caso do clube “Double X”, ou seja, só para mulheres.

Considerações finais

Acompanhando o dia-a-dia da equipe de futsal feminino da UFSCar, alguns aspectos foram facilmente percebidos, e outros pediram um olhar um pouco mais atencioso. Entre brincadeiras e piadas, a questão da sexualidade se cristaliza. Mas, na verdade, não é a sexualidade delas que faz diferença naquele grupo.

Sendo uma modalidade historicamente e culturalmente masculina na sociedade brasileira, o futebol carrega o estigma da masculinidade. Esse estigma fica evidente entre brincadeiras e comentários sobre a questão da homossexualidade das meninas que praticam o futsal. Esse tipo de brincadeira é até comum entre as meninas do time, que tentam levar a questão desse estereótipo com bom humor. Porém, se as brincadeiras que fazem alusão à sexualidade partissem de pessoas fora do grupo, independentemente do gênero do autor da brincadeira, eram recebidas com bastante intolerância pelas atletas, pois, mesmo sendo “brincadeira”, carrega um estigma que as meninas claramente não desejam que seja perpetuado.

Alguns relatos das jogadoras demonstraram atitudes bastante defensivas, e outras até agressivas em relação a esse tipo de situação, na qual a sexualidade foi colocada em questão. Segundo um dos relatos, em uma ocasião na qual um torcedor de uma equipe adversária gritava atrás do banco de reservas: “Sapata! Sapata! Sapata! Sapata!”. A resposta foi rápida por parte de uma das meninas, que afirmou: “Sou mesmo e daí! E você só não vai apanhar de mim, porque sua irmã é gostosa! Eu fico com ela e fica tudo certo!”. Outro caso interessante aconteceu quando o ex-técnico da equipe foi pedir patrocínio para a equipe e, ao falar com um possível patrocinador, ele perguntou:

- “Mas é para um time feminino-feminino ou feminino-masculino?”

O treinador respondeu que era feminino-feminino. Esse episódio, quando foi retratado pelo treinador às meninas durante o treino foi motivo de indignação para algumas enquanto uma delas ironizou dizendo: “Esse time é feminino-feminino, só entra mulher!” Ela não quis dizer entra time para jogar, treinar, mas sim se envolver sexualmente com as companheiras. Foi aí que surgiu o clube “Double X”. A própria brincadeira do “Double X” também mostra uma postura bastante irônica em relação à situação.

Essas situações demonstram uma realidade bastante presente. O “rótulo” de que toda jogadora de futebol seja homossexual, e a postura assumida pelas meninas que, na defensiva, utilizam a própria questão da homossexualidade. Essa reposta defensiva, na maioria das vezes, choca quem fez a brincadeira ou o insulto e, com certeza, não ajuda a reverter a situação do estigma da homossexualidade das jogadoras de futebol feminino. Isso abre espaço para outra discussão: constatado que essa realidade é presente, qual seria a melhor maneira de transformá-la? Talvez o maior desafio seja a própria aceitação do problema por parte das meninas, o que poderia abrir espaço para uma discussão mais aberta em relação ao grande desafio de mudar uma realidade constituída, por meio, principalmente, de conversas abertas sobre o problema, e sobre ações que poderiam ajudar a transformar essa realidade.

Apesar das dificuldades, as meninas parecem estar em constante busca pela legitimação enquanto atletas. Um exemplo que demonstra isso é uma camiseta feita por elas com os dizeres em letras bem legíveis estampadas no peito: “Mulher também bate bola”.

O mais importante de se destacar é como as meninas encaram a situação de forma conjunta, uma sempre apoiando a outra, buscando sempre a superação do problema. Aliás, qual quer que seja o problema, seja ele da equipe ou individual, as meninas sabem que sempre podem contar com as companheiras. Na realidade, muitas vezes é muito mais fácil para elas compartilharem seus problemas com as companheiras de equipe do que a própria família, pois sabem que as amigas também passam pelas mesmas situações, por experiências parecidas.

Não poderíamos deixar de comentar que nos foi muito tocante, dentre as nossas leituras, a de Larossa Bondía (2000), a respeito da experiência. A relação que ele retrata entre a informação e a experiência é fundamental para traduzir aquilo que nós percebemos de mais tocante nesta equipe de futsal. Em termos didáticos (ao chutar a bola, o momento certo de sair do gol para a goleira), a postura do treinador era, muitas vezes, “pobre”, no sentido de deixar que as meninas experimentassem mais. Deixar que percebessem a melhor maneira de se executar certo movimento. Isso seria adequado, não talvez para fazer o certo, mas, com

certeza, para fazer a sua maneira, de maneira própria e refletida. Acreditamos que uma postura assim seja fundamental para o desenvolvimento das habilidades esportivas. Isso faz parte da consciência corporal da atleta, noção espacial, noção de força. Ainda nesse sentido, fica evidenciado nessa pesquisa que uma postura que favoreça a liberdade de expressão dessas meninas pode favorecer o despertar de atitudes, e ressalta a possibilidade de um novo conceito de mulher, não aquele imposto ou esperado pela sua sociedade, mas aquele que seja escolhido por elas, independentemente da escolha que cada menina tiver.

Não bastassem os aspectos já citados, há ainda que se falar a respeito da experiência propiciada a essas atletas a cerca de temas como o respeito, a cooperação, o preconceito e o diálogo, que deixam os discursos teóricos e informativos para atuar na realidade mais imediata, dando margem à reflexão e a autonomia na construção dessa realidade coletiva. Sobre isso, Larossa Bondía (2002, p. 21) afirma:

A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa espaço para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informado, e toda a retórica destinada a constituir-nos como sujeitos informantes informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossa possibilidade de experiência.

Mas a experiência mais importante que essas atletas vivem na atualidade é a possibilidade de, conjuntamente, transformarem uma realidade que ainda carrega o pesado fardo de uma cultura tradicionalmente machista. Possibilidade que se abre a essas atletas com muita responsabilidade, por estarem inseridas numa prática social tradicionalmente masculina, mas num “tempo” que favorece a mudança. Um momento histórico que urge pela igualdade, pela união das diferenças, pelo crescimento na diversidade.

REFERÊNCIAS

ALTIMANN, Helena e SOUZA, Salvadora E. Meninos e meninas: **Expectativas corporais e implicações na educação física escolar**. In: Cademo Cedes, nº 48. Campinas, 1999.

BECKER, H. S. **Problemas de inferência e prova na observação participante**. Métodos de pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo: Hucitec, p. 47-61, 1999.

FRANZINI, Fábio. **Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história de mulheres no país do futebol**. In Revista brasileira de história. São Paulo, v. 25, nº 50, 2005, p. 315 – 328.

FREIRE, Paulo. **Políticas e Educação**. 3ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 1997.

GONÇALVES FILHO, José Moura. **Olhar e Memória**. In Novaes, Adauto (org.). O olhar. São Paulo, Companhia das Letras, 1988, p. 95-124.

LAROSSA BONDÍA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência e o saber da experiência**. In: Revista Brasileira de Educação, nº 19, p. 20-28, 2002.

SANTOS, Matheus Oliveira. **Ludicidade, Animação Cultural e Educação: um olhar para o projeto “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer”**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2008.

SILVA, Petronilha Oliveira Gonçalves, et al. Práticas sociais e processos educativos: costurando retalhos de uma colcha. São Carlos: UFSCar/PPGE, 2008. Texto para fins didáticos da disciplina Práticas Sociais e Processos Educativos.